



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**JANINE DE ANDRADE TARGINO**

***A REALIDADE SEM RETOQUE EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA  
FAVELADA, DE CAROLINA DE JESUS***

**Catolé do Rocha–PB**

**2018**

**JANINE DE ANDRADE TARGINO**

**A REALIDADE SEM RETOQUE EM *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*, DE CAROLINA DE JESUS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras. Autor (a): Janine de Andrade Targino.

Orientador (a): Prof. Ms. Maria Fernandes de Andrade Praxedes.

Catolé do Rocha – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

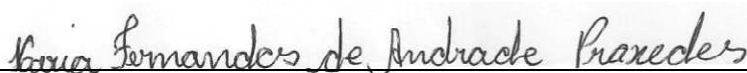
T185r Targino, Janine de Andrade.  
A realidade sem retoque em quarto de despejo: diário de uma favelada, de Carolina de Jesus. [manuscrito] / Janine de Andrade Targino. - 2018.  
36 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."  
1. Carolina de Jesus. 2. Favela. 3. Realidade. 4. Sociedade. I. Título  
21. ed. CDD B869.3

**JANINE DE ANDRADE TARGINO**

**A REALIDADE SEM RETOQUE EM QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA  
FAVELADA, DE CAROLINA DE JESUS**

Aprovado em: 06/12/2018.

BANCA EXAMINADORA



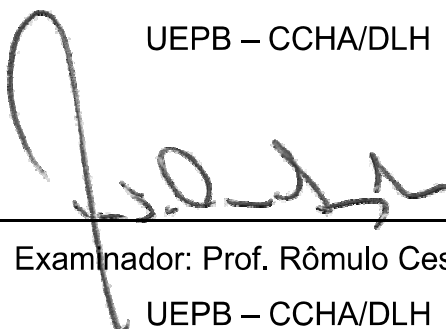
---

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
UEPB – CCHA/DLH



---

Examinador: Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição  
UEPB – CCHA/DLH



---

Examinador: Prof. Rômulo Cesar Lima  
UEPB – CCHA/DLH

Dedico este trabalho aos meus pais: **Lenilda de Andrade** e **Jackson Targino**, aos meus irmãos **Jackeline** e **Jackson Kakito**, a minha sobrinha **Eva** e a minha segunda mãe **Maria**. Aos familiares e **amigos** por todos os ensinamentos ao longo da minha vida; por todo amor e carinho, e por serem meu porto seguro durante essa trajetória.

## AGRADECIMENTOS

A Deus por cuidar tão bem de mim, pois diante de tantos percalços ocorridos em minha vida Ele me deu saúde e condições necessárias para que eu pudesse concluir o curso de Licenciatura Plena em Letras.

Aos meus pais, **Jackson** e **Lenilda**, pelo apoio e por terem sido o meu porto seguro nessa trajetória acadêmica e em todos os momentos de minha vida. Amo vocês, meus pais!

Aos meus irmãos, **Jackeline** e **Kakito**, pelo incentivo que, de algum modo, me ajudou a crescer como pessoa, profissional e intelectual.

À minha sobrinha **Eva**, por ser a luz da minha vida e por me ensinar diariamente o exercício da paciência e aliviar minhas tensões diárias.

A **Maria**, minha segunda mãe e grande incentivadora da minha existência, agradeço.

À minha estimada orientadora **Maria Fernandes de Andrade Praxedes**, por toda atenção, dedicação, carinho e paciência durante a construção desse trabalho. Muito obrigada!

Aos professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus IV, em especial aqueles que contribuíram diretamente com a minha formação acadêmica.

Aos funcionários que, direta ou indiretamente, colaboraram para que eu chegasse à conclusão desse curso.

Aos meus colegas de curso e amigos. Vocês foram grandes incentivadores para minha permanência no curso, em especial aos estimados: **Ailaneide Lima, Alex Nascimento, Ana Caroline, Ramires Vieira e Wesley Lopes**.

A toda a minha **família** e agregados, que me apoiaram e torceram pela realização desse sonho e conquista.

Aos meus **amigos** que estão comigo em todos os momentos da minha vida.

A todos vocês, OBRIGADA!

“A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro.”

Carolina Maria de Jesus

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo discutir os aspectos sociais no romance *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus, atentando para a natureza biográfica da obra na qual a autora figura como narradora e personagem de sua própria história, uma mulher negra, pobre, catadora de papel e moradora da favela de Canindé na grande São Paulo. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar o debate sobre a literatura de autoria feminina, sobretudo no que concerne à escrita simples, mas contundente de Carolina de Jesus para denunciar a realidade da vida de quem mora em uma favela sem qualquer assistência básica de saúde, infraestrutura, educação, moradia e emprego. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa buscou respaldo teórico em alguns autores como: Candido (2010), Cordeiro (2006), Sharpe (1992), Young (2002), Dalcastagnè (2012), dentre outros. Dito isso, esperamos que esta pesquisa possa acrescentar aos estudos literários uma provocação sobre a literatura de Carolina de Jesus, uma escritora ainda pouco estudada nas universidades brasileiras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carolina de Jesus. Favela. Realidade. Social.



## ABSTRACT

This work had as objective to discuss the social aspects in the novel *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, by carolina de jesus, considering the biographical nature of the work in which the author appears as narrator and personage of its own history, a black woman, poor, paper collector and inhabitant of the favela do Canindé in the great São Paulo. This research is justified by the need to broaden the debate about female authorship literature, especially in what concerns the simple but compelling writing by Carolina de Jesus to denounce the reality of the life of those who live in a favela without any basic health care, infrastructure, education, housing and employment. From the methodological point of view, the research sought theoretical support in some authors as: Candido (2010), Cordeiro (2006), Sharpe (1992), Young (2002), Dalcastagnè (2012), and others. That said, we hope that this research can add to the literary studies a provocation on the literature of Carolina de Jesus, a writer still not much studied in the Brazilian universities.

KEY-WORDS: Carolina de Jesus; Favela; Reallity; Social.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>CAROLINA DE JESUS, POR ELA MESMA.....</b>	<b>11</b>
	2.1 O Diário de Carolina.....	13
	2.2 Literatura de autoria feminina.....	14
<b>3</b>	<b>O DIÁRIO DE UMA FAVELADA: VER, SENTIR, ANOTAR E CONTAR.....</b>	<b>21</b>
	3.1 Da realidade a ficção.....	27
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura é uma das formas de expressão artística mais importante para a formação e humanização do homem que busca respostas aos seus questionamentos, ampliar seus horizontes de expectativas e a forma de ver e pensar o mundo. Ainda que possa haver uma grande variedade de textos, todos como prática social, o texto literário é, possivelmente o que melhor representa o imaginário e a realidade, ao mesmo tempo, do homem em um determinado tempo e espaço.

O que diferencia uma obra literária de outro gênero é precisamente a subjetividade com que o autor/a cria os personagens, narradores e enredos, cujos focos narrativos, muitas vezes, são a representação dos estratos sociais transformados em arte. Desse modo, a literatura deveria ser acessível a todos como um bem cultural que favorece a liberdade do pensamento, uma vez que provoca reflexão sobre a nossa vida e a nossa relação com o outro.

Dada a importância dessa arte à vida humana, é inadmissível que durante muito tempo só quem tinha acesso a ela, seja como leitor ou criador, isto é, autor, eram as pessoas pertencentes à camada social mais favorecida. Outrossim, a literatura de autoria feminina era algo negado pelas editoras e pela cultura patriarcalista e machista, um espaço ocupado predominantemente pelo homem, que segregava o direito feminino de fazer arte, escrever literatura e denunciar os desmandos de uma sociedade desigual, excludente e classificatória que determina até quem pode ou não produzir literatura.

Dentro desse cenário de censura e de segregação, de direito aos bens culturais, surge, em 1960, uma publicação que revolucionou a história da literatura brasileira para romper com alguns paradigmas. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus (1960), uma compilação de textos dos diários de uma mulher negra, pobre, catadora de papel que morava em uma favela e registrava a difícil arte de viver em uma comunidade onde a extrema miséria era o pano de fundo da realidade da autora e de tantas outras pessoas que vivem em quartos de despejos das favelas das grandes cidades, como em São Paulo, por exemplo.

A história contada pela narradora e personagem que se confundem com a própria Carolina de Jesus, tem seu foco narrativo na vida real da autora, trata-se de uma obra autobiográfica em que autora, narradora e personagem confabulam-se

para representar a Carolina de Jesus de carne e osso. A moradora da favela não se reconhecia como tal e dizia que aquele lugar não a definia como favelada, pois sonhava em sair daquela comunidade precária e morar em um lugar digno, em casa de alvenaria.

Dito isto, este trabalho que teve como objetivo discutir os aspectos sociais na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus, está dividido da seguinte forma: no tópico 2, trouxemos uma reflexão sobre a vida da mulher que, a duras penas, realiza o sonho de ser escritora para contar seus dramas, sonhos, frustrações e revoltas. No ponto 2.1 apresentamos algumas considerações sobre o diário de Carolina de Jesus, seus cadernos amarelos onde ela escrevia o dia a dia da favela de Canindé, que anos depois ganharia a forma de um texto literário, e o sub-tópico 2.2 expõe sobre a literatura de autoria feminina como um território contestado onde as mulheres, inclusive negras e pobres, encontram dificuldade para se inserirem.

O tópico 3 incorre sobre as experiências de Carolina de Jesus como moradora da favela, autora, narradora e personagem do romance, três figuras que se fundem para contar o que sentiram, viram e experienciaram dentro de um espaço degradante, humilhante e miserável, e no ponto 3.1 a discussão se volta de forma mais detida para as questões sociais identificadas na obra, bem como as críticas e denúncias de quem presenciou e viveu o abandono político, cultural e social. **2**

## **CAROLINA POR ELA MESMA**

Carolina Maria de Jesus nasceu no ano de 1914, na cidade de Sacramento em Minas Gerais e mudou-se para a grande São Paulo em 1947, quando estavam sendo construídas as primeiras favelas. Trabalhou como empregada doméstica na metrópole e depois passou a catar papéis e outros lixos, nas redondezas da favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo, onde a mesma residia. Colhia recicláveis para sobreviver e sustentar seus três filhos. Negra, pobre, mãe solteira e semianalfabeta, Carolina de Jesus representa a resistência de mulher, que consegue, a contratempo, criar os filhos sozinha em uma sociedade em que a cultura machista e misógina impregnada nos homens e, lamentavelmente, em muitas mulheres, nos deixa reféns do medo e da submissão aos homens. A escritora tinha uma grande paixão por livros e tudo o que estivesse ligado à leitura, além do sonho de ser atriz e cantora.

Com cadernos doados por amigos, conhecidos e outros encontrados no lixo, Carolina de Jesus escrevia todo o seu cotidiano na favela a partir do seu imaginário sobre o que seria viver em uma favela e sobreviver ao abandono do estado, isolada de uma camada social que desconhece a realidade de quem precisa a duras penas trabalhar nas mais diferentes atividades informais e, muitas vezes, desumanas. O título do livro não é uma mera criação literária, é, essencialmente, a representação do pensamento da autora que escrevia o cotidiano da favela como uma alegoria de um quarto de despejo, no qual são jogadas coisas desnecessárias.

Assim como na favela, que na opinião da escritora era um local em que os miseráveis eram impelidos nos barracos, sem as mínimas condições de uma vida digna, a favela do Canindé coaduna-se com o quarto de despejo onde se guarda os dejetos, aquilo que já não tem tanto valor e importância existencial, ou seja, a favela isolava e guardava empilhados as piores condições dos seus moradores, seus dramas, suas lutas e suas misérias diárias. A questão posta aqui não é apenas a mera representação dos espaços físicos em si, mas os fenômenos mais complexos da precariedade humana, a carência dos serviços básicos e como isso acelera o processo de coisificação do homem nesses espaços restritos e desassistidos pelo poder público.

O repórter Audálio Dantas foi um defensor das lutas dos favelados e acreditava ser capaz, pela sua militância, de mudar o mundo, ou pelo menos, a favela do Canindé, entre outras espalhadas pelo Brasil, conforme o depoimento do jornalista que consta no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960). Encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia a beira do rio Tietê, no bairro do Canindé, na grande São Paulo, o jornalista em visita à referida favela descobriu os diários de Carolina de Jesus e surpreso com a força do texto, apesar dos erros gramaticais e de ortografia, interessou-se pelas narrativas dos diários da catadora de papelão. Os diários foram apresentados a um editor que publicou em forma de livro e conseguiu trazer a Carolina de Jesus alguma visibilidade social como uma melhoria de vida para ela e seus filhos. Assim, a autora já não residia na favela, pois os seus tão almejados sonhos, quase impossíveis, seriam muito difíceis de serem realizados naquele lugar. Deste modo, sua mudança de moradia não se resume a fuga de suas origens, mas sim a busca de transmutar suas dores na escrita, de viver para a arte, o que não era possível acontecer com facilidade na favela. A autora teve o seu apogeu, porém a sua fama foi passageira e logo ela voltou a ser uma mulher pobre. Carolina de Jesus faleceu em um sítio, localizado em São Paulo no dia 14 de agosto de 1977.

Carolina de Jesus tinha um viés crítico da sociedade da época e isso transcendia seus diários. Depois do lançamento do livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), sua obra mais famosa, surgem mais três outros escritos: *Casa de Alvenaria* (1961), *Provérbios* (1963) e *Diário de Bititia* s.d. Foram mais de 100 mil exemplares vendidos, para mais de 40 países e traduzidos para 13 idiomas. O livro mais famoso de Carolina de Jesus sem dúvidas foi *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), a obra foi vista como um escrito que não se encaixava nos padrões da literatura e por isso não deveria ser considerado um livro literário. A biografia, que conta a rotina sofrida de Carolina e seus filhos na favela, foi rigorosamente criticada por autores célebres, em contrapartida houve outros escritores famosos que apoiaram a autora em seu desempenho como escritora de um livro autobiográfico. Depois de muitos debates, questionamentos, críticas pró e contra, finalmente, Carolina de Jesus foi reconhecida e legitimada como escritora, e sua obra figura entre a literatura e o cânone literário.

A autora consegue expressar em seu texto a cor da fome, assim como ela delinea a natureza de uma forma humildemente afetuosa, fazendo com que o leitor sinta um pouco de alegria em meio a tantos relatos trágicos. Ela fala de Deus com fé, denuncia rigorosamente, com ira, as injustiças sociais e políticas que os favelados sofrem. Como a mesma cita em seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, “... Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria.” (JESUS, 1960, p. 54)

## 2.1 O diário de Carolina

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960 é considerada uma narrativa autobiográfica, uma vez que nela está posta a experiência da autora e das pessoas que residiam na favela do Canindé, cujos relatos evidenciam o cotidiano de extrema miséria dos moradores. Dito isto, consideramos que a autora, sem qualquer planejamento literário, tece uma denúncia da realidade de quem vive nos quartos de despejos das favelas. Carolina Maria de Jesus relatou de uma forma irônica, e ao mesmo tempo poética, sua consciência crítica sobre o cotidiano das favelas representadas pela comunidade do Canindé na grande São Paulo, e denunciou as condições sociais das periferias e favelas dos grandes centros urbanos brasileiros.

A narrativa teve início em 1955 e sua finalização se deu em 1960, a obra teve uma repercussão positiva fora do país e foi traduzida para muitos idiomas, inclusive o francês. A escrita como forma de diário relata detalhadamente o que acontecia cotidianamente na favela do Canindé. O livro de Carolina de Jesus tece uma contundente crítica às questões sociais da época e apesar do tempo de sua produção, ele é atual, visto que evidencia expressivamente a realidade da violência cotidiana nos “quartos de despejos” (as favelas) que se expandem cada vez nas grandes cidades do Brasil, uma visão realista da autora sobre a contemporaneidade da época em que viveu e que se encaixa perfeitamente na nossa atualidade. Apesar da sua condição socialmente desfavorecida, tanto do ponto de vista acadêmico quanto do ponto de vista étnico-racial, Carolina de Jesus escreveu de forma eruditamente poética, precisa, sobre a segregação de direitos dos pobres.

O descaso de muitos setores, principalmente o político, com as camadas mais pobres do Brasil se configura como o pano de fundo da literatura de Carolina de Jesus. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina representa o clamor, a reivindicação e a voz do povo excluído, marginalizado, como ela mesma sugere, dos seres humanos que vivem em um quarto de despejo esquecidos em barracões da favela, simbolicamente os espaços físicos onde são jogadas as coisas inúteis, improdutivas. O pensamento crítico de Carolina de Jesus era esse: “[...] Eu classifico São Paulo assim: O palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. (JESUS, 1960, p. 28). A obra contradiz toda a euforia sobre a inauguração de Brasília em 21 de abril de 1960 quando Juscelino Kubitschek (JK) estava no comando da presidência do Brasil. Juscelino Kubitschek foi criticado por Carolina de Jesus, assim como grandes políticos da época. Desta feita, *Quarto de despejo: diário de uma favelada* só podia gerar muita polêmica e insatisfação por parte de alguns, sobretudo por parte da elite branca do país.

Carolina de Jesus é protagonista da vida e da arte que produziu ao longo de seus registros nos diários codificados por uma escrita que se fez compreendida pelas incorreções das palavras para denunciar a discriminação, as condições de pobreza e abandono do estado, a exploração dos comerciantes e atacadistas e os desperdícios de alimentos. O ato de escrever para Carolina de Jesus é natural e ela esclarece isso no decorrer da narrativa, objeto de estudo desta pesquisa. A autora utiliza-se de uma linguagem coloquial, ao seu modo, com sucessivos desvios ortográficos e gramaticais numa mistura de hostilidade e lirismo, e isso prende a atenção do leitor, pela forma humilde e poética como contextualiza sua vida, ao mesmo tempo em que nos desvenda um lado cruel da pobreza e da solidão em que ela se encontrava.

## 2.2 Literatura de autoria feminina

A literatura feminina tão presente na contemporaneidade passou por muitos percalços para alcançar o seu espaço, apesar de ainda haver muitas controvérsias a respeito do papel da mulher na literatura. Entre muitos movimentos feministas em busca dos seus direitos, destacam-se os anos 1960/70, época em que surgiram



várias adversidades em relação ao resto do mundo, período em que a crítica feminista fez surgir uma tradição literária feminina até então ignorada pela história da literatura. Nessa defesa pela bandeira feminina e entre as várias manifestações feministas no Brasil, na década de 1970, muitos historiadores literários começaram a resgatar e reinterpretar a produção literária de autoria feminina, marcando assim o início de uma história que constitui a resistência a uma ideologia que regula o saber feminino na literatura. Sobre esse aspecto Lobo acentua que:

Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” do mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita – só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos. (LOBO, 1999, p.5)

Essa exclusão da mulher do mundo da escrita fica claramente afirmado no cânone literário, em que um conjunto de obras-primas, analisadas e consideradas como afluentes no mundo cultural, em sua maioria, eram constituídas por escritores, homens ocidentais, brancos, de classe média/alta. Logo essa constituição canônica excluía os escritos femininos, das etnias não brancas, de classe social menos favorecida e de minorias sexuais. No Brasil não foi diferente, até um tempo atrás existia a escrita com o ideal de nos mostrar um mundo literário povoado apenas por homens. Apesar da pouca expressão da mulher dentro de um território que contesta a autoria da literatura feminina, as autoras, sobretudo as brancas, começam a ocupar um espaço no cânone, ainda que a produção atendesse majoritariamente valores e ideologias patriarcais, que, de acordo com Viana contemplava:

O mesmo impulso que a revolução cultural dos anos de 1960, empenhada em destronar a autoridade do falo-etno-euro-centrismo, exerceu sobre os estudos críticos feministas pode ser observado em relação à literatura de autoria feminina. As isoladas aparições de mulheres escritoras nos anos de 1930 e 1940, na lista de escritores consagrados dão lugar, nos anos 1970 e 1980, a uma explosão de publicações... (VIANA, 1995, p.72)

Em plena ditadura militar, nos anos de 1960/ 1970 tivemos vários autores em que cultuavam na sua própria escrita, produzindo sobre as impossibilidades diante de um momento de opressão política, do desconforto e das profundas desigualdades sociais existentes naquele cotidiano. Esses autores revelam o arcabouço de sua

poética, nos permitindo ver as fendas do seu projeto literário, causado por todo o processo de ditadura e opressão vivida naquela ocasião. Nesse momento era exigido do artista e do intelectual que tomassem uma posição diante das atrocidades cometidas pelo regime militar e da censura a que estavam submetidos os meios de comunicação de massa. A autora Dalcastagnè alude a respeito dessa massa:

E a massa vem inquietando os intelectuais desde o início do século XX, numa relação que mescla desprezo e susto. O texto não remete à simples ideia de trabalhadores ou de multidão, mas de um público específico, resultado das reformas educacionais do final do século XIX. Um público alfabetizado, consumidor, ávido de bens culturais. É, então, que surge a necessidade de distinção do intelectual... (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 52/53)

Essa massa citada no contexto de Dalcastagnè é ficcional, tendo como artifício linguístico eliminar a condição humana da maioria das pessoas, ou seja, priva-las daquelas características especiais que as tornam superiores, que as fazem pensar que o inferior é algo natural e não uma estrutura da sociedade. Ortega y Gasset complementam esse pensamento da autora:

Sendo assim – pode-se-ia concluir -, nada mais natural que alguns sirvam apenas para puxar a carroça daqueles que nasceram predestinados a fazer literatura ou filosofia. E o quadro se completa se lembrarmos que esses seres biologicamente inferiores não se incomodam em ser assim, iguais a seus iguais. (ORTEGA Y GASSETTE, 1987 [1930], p. 38)

Esses seres inferiores que Ortega y Gasset citam não sofrem com a injúria ou a perda, não possuem individualidade, nem complexidade, eles são humanos ingênuos. Talvez por isso, muitos intelectuais nessa época não tiveram o pudor de se manifestar contra a educação do povo, demonstrando seu desprezo pelos jornais populares que tinham como principal função informar a grande massa populacional que não se encaixava no rol dos bens culturais adotada pela elite. Contudo, apesar dessa segregação, não havia como evitar que as massas aprendessem a ler e usufríssem de alguns bens culturais, mesmo que a literatura parecesse uma arte de difícil compreensão à classe menos favorecida do ponto de vista social e da cultura erudita.

Regina Dalcastagnè nos traz uma reflexão quando afirma:

Uma vez que a censura à produção ficcional foi menos intensa que aquela dirigida a música e ao teatro, nossos autores se encontraram na obrigação de abrir espaço em seus textos para a denúncia das arbitrariedades e dos crimes do regime. O que não foi um processo simples. De uma hora para outra se viram espremidos entre “escrever para exercer minha liberdade individual e escrever para exprimir minha parte da angústia coletiva”, como dizia a personagem de Ivan Ângelo (1978 [1976], p.23). (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 64)

Imersos nesse dilema muitos escritores se debruçaram sobre a sua escrita, usando-as como uma forma de desabafo de suas próprias ideias ante ao que estavam vivendo. Não diferente do que aconteceu com Carolina de Jesus que ao escrever sua obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* a impeliu na escrita, sem medo dos julgamentos, buscando em seu próprio exemplo de vida, créditos para sua aceitação no mundo literário. Com isso, a autora legitima a existência de conflitos permanentes entre o autor e a obra, nos quais a dúvida, a ansiedade e a luta com as palavras são intermediadas pela consciência de um momento histórico e da sua própria limitação. Nesse sentido, o artista pode ou não ser fiel as suas indagações, dependendo quase que totalmente do contexto em que está inserida sua obra.

Dentro dessa visão interposta entre o criador e arte, surgem artistas de autoria feminina dispostas a transformar realidade em literatura, sobretudo quando o assunto diz respeito às questões sociais, ou seja, os papéis da mulher na sociedade frente a uma cultura patriarcal e machista ainda vigente. Clarice Lispector, por exemplo, foi um dos destaques dessa forma de escrita na trajetória da literatura brasileira de autoria feminina, ela revolucionou a escrita literária, cujo tom introspectivo trouxe à tona o universo da mulher e seus dramas diante do confinamento do lar e da mesmice. Com isso, Clarice inaugura uma nova forma de narrar dentro de um espaço tradicionalmente restrito à mulher, cujo acesso às editoras era mais refutado, mas como a autora de *A hora da estrela* era resistente a qualquer prática social que cerceasse sua liberdade de mulher e escritora, torna-se o marco inicial da fase *feminista* da literatura brasileira. A respeito de Carolina de Jesus pode-se dizer que ela teve um grande aliado na carreira como autora, o jornalista Audálio Dantas, conforme esclarece Meyhi ao afirmar que “[...] acolhida como autora de feições revolucionárias, [...] foi consagrada mais pela força mercadológica da contracultura que pelo verdadeiro teor testemunhal de alguns de seus textos escolhidos e configurados por Audálio Dantas” (MEYHI, 1990, p.522).

Audálio era destaque no jornalismo novo e soube moldar uma personagem que encontrou por acaso em uma favela, no Canindé, na grande São Paulo.

Carolina de Jesus, com sua escrita “crua”, seus incontáveis erros gramaticais, muitos deles transformados pelo jornalista, para que fosse possível sua compreensão, ela era o antídoto das grandes escritoras da época, que obedeciam à risca todas as regras gramaticais, assim como as formalidades de um texto. Além desse importante fator, destacamos também o cenário detalhado pela autora na obra: uma favela, sem infraestrutura, permeada de barracões, lixo e pessoas de vida desregradadas, enfatizando ainda mais a controvérsia em relação às grandes literárias da época, que jamais utilizariam uma favela como referência principal em um livro. Ainda sobre o jeito peculiar de Carolina de Jesus, José Carlos Sebe Bom Meihy destaca que:

Carolina, porém, não se ajustou por muito tempo ao modelo pretendido e em meio aos conflitos pessoais com o criador, ao seu modo continuou a escrever, editar e divulgar sua obra. Logicamente, sem um nome masculino e profissional por traz, o fracasso lhe foi fatal. A obstinação de Carolina, porém, a mantinha escritora e vasta é sua obra, não publicada, ainda inédita. São mais de cinco mil páginas, distribuídas por 37 cadernos, além de alguns outros guardados por Audálio Dantas. Se “Quarto de despejo” foi o lado luminoso do projeto, foi também o enclausuramento da outra parte. O sucesso foi para ela seu próprio veneno. Ainda pouco conhecidos, seus poemas, contos e, principalmente, três peças de teatro, representam o que de mais eloquente nossa pobreza produziu como expressão estético literária. Tudo praticamente inédito. ( MEIHY, 1990, p. 526)

No que se refere à posição da mulher enquanto, escritora, muitas opiniões são tecidas até hoje sobre a produção literária de Carolina de Jesus em entrevistas e textos. Independente da participação de uma figura masculina por traz da publicação de uma de suas obras, enquanto as demais obras ela mesma tomou a frente da escrita e da publicação como testemunho de sua própria história e de tantas outras pessoas moradoras de favelas, Carolina desponta como uma das mais importantes escritoras da literatura brasileira a agregar realidade e ficção. Sobre essa questão, Dalcastagnè lembra que Carolina de Jesus é narradora e personagens ficcionais da vida real em *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*:

Tudo o que é narrado, todos os relatos das “lambanças dos favelados”, é adaptado por um “viés feminino”: “que olha pela janela do barraco enquanto esquentava a mamadeira das crianças, que observa uma mulher apanhando e pensa que é melhor estar sem homem, que tem de parar de escrever para lavar roupa.” (DALCASTAGNÉ apud ANDRADE, 2010, p. 09).

A obra de Carolina de Jesus se configura como um diário de bordo, visto sob a sua perspectiva feminina, o seu modo de interpretar os fatos cotidianos a sua volta é registrado através de uma linguagem simples, cheia de desvios ortográficos e gramaticais, porém o mais importante não é a estética da língua portuguesa, mas, precisamente, a clareza da sensibilidade com que a autora protestou contra as desigualdades sociais, a dureza da vida na favela que, de certa forma, se colocava como uma defensora das mulheres diante do estigma do rótulo do sexo frágil e inferior ao homem, incapaz de realizar determinadas atividades exercidas majoritariamente pelos homens. A Própria autora revela isso em um dos trechos da sua obra, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em que diz:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia na História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem: Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem. Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciado. Igual os políticos distante do povo. Eu cansava e sentava. Depois começava a chorar. (JESUS, 1960, p. 48)

Mulheres como Carolina de Jesus não temem assumir o papel de protagonista de sua própria história e se eternizam pela coragem de sair da zona de conforto imposta pelos modelos patriarcal e machista, por isso são conscientes de sua realidade e falam dela com naturalidade, ao mesmo tempo em que criticam e denunciam a cultura de uma ideologia masculina que nega a igualdade de direitos para homens e mulheres. A força da mulher, especialmente de Carolina de Jesus, reside na luta pelos direitos femininos a favor da humanização do homem de todas as idades, raças e sexo, e contra o preconceito, o machismo, a discriminação e a objetificação da mulher nos espaços predominantemente masculinos. De acordo como Bahia assegura:

A escritura feminina não é, portanto, o lírico, o poético, o memorialístico, numa configuração de gênero ou espécie, mas uma forma de escrita que, valendo-se destes recursos escriturais, aponta uma presença da mulher onde ela sempre foi ausente: o de narradora de sua própria história. (BAHIA apud ANDRADE, 2009, p. 04)

As memórias postas no *Quarto de despejo: diário de uma favelada* provocam uma reflexão sobre o lugar da mulher na literatura, sobretudo os papéis por elas desenvolvidos na construção da narrativa, seja como personagem principal, seja como narradora de sua própria história e de tantas outras histórias de mulheres frente a uma sociedade que de forma expressiva negou à mulher esses espaços. A figura feminina, especialmente na época em que a obra foi publicada, poderia fazer parte do livro como um personagem fictício, mas nunca como uma narradora personagem. Era uma época em que uma mulher negra e pobre não teria condições de estar em um cânone, mas Carolina irrompeu com esse estereotipo e escreveu uma obra biográfica, sem formalidade na escrita e desprezada da subjetividade, embora a tenha feito com muita sensibilidade poética. Contudo, a notoriedade literária de Carolina de Jesus se deu a partir do apoio e reconhecimento de uma figura masculina, alguém que serviu de porta voz para divulgar seus textos e tirá-la do anonimato, como assinala Perrot:

Quantitativamente escasso, o texto feminino é estritamente especificado: livros de cozinha, manuais de pedagogia, contos recreativos ou morais constituem a maioria. Trabalhadora ou ociosa, doente, manifestante, a mulher é observada e escrita pelo homem. Militante, ela em dificuldade e se fazer ouvir pelos seus camaradas masculinos, que consideram normal serem seus porta-vozes. A carência de fontes diretas, ligada a essa mediação perpétua e indiscreta, constitui um tremendo meio de ocultamento (PERROT, 2001, p. 186).

Atualmente essa situação mudou e os textos literários femininos são mais aceitos nas suas diversas formas, embora ainda haja algum tipo de preconceito em relação à mulher como escritora, mesmo ela tendo conquistado a sua independência em vários setores, principalmente no setor profissional e literário. A mulher de hoje, diferente de antigamente, seja ela negra ou branca; rica ou pobre possui direitos garantidos por lei que lhe asseguram ter um papel digno na sociedade. Ela pode optar por trabalhar ou ser doméstica, sem se ver na obrigação de apenas ser a “mulher do lar”. Dessa forma, a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de

Carolina de Jesus, escrita em 1960, é vista como referência na literatura, justamente pelo seu conteúdo e a estética.

Diante de toda a trajetória da literatura de autoria feminina no Brasil, pode-se concluir que, se as vozes femininas, assim como as vozes das minorias étnicas e sexuais, estiveram por tanto tempo silenciadas no âmbito social e, conseqüentemente, na literatura, o final do século XX assistiu a uma considerável reviravolta nesses domínios: o reconhecimento institucional da existência da literatura escrita por mulheres como objeto legítimo da pesquisa. Atualmente a literatura de autoria feminina nos surpreende com obras autobiográficas e que enfatizam além do universo doméstico, as relações de opressões contra as mulheres, entre outros temas que configuram uma denúncia em relação ao preconceito contra as mulheres.

### **3 O DIÁRIO DE UMA FAVELADA: VER, SENTIR, ANOTAR E CONTAR**

Carolina Maria de Jesus enquanto moradora da favela, um ser real, de carne e osso, registrou em seus diários as agruras cotidianas de quem viveu/vive às margens de uma sociedade excludente e classificatória, e essa perspectiva, a vida real se confunde com a arte, a mulher negra, pobre e favelada se confunde com a narradora-personagem. A mulher e autora, de olhar sensível, testemunhou e anotou fatos, além dos isolados, de outros sujeitos iguais e diferentes de tantos outros.

A contextura coesa com que a autora narra os acontecimentos, dos mais banais aos mais complexos, se configura como uma necessidade à existência humana em um determinado espaço e tempo, embora não seja tão fácil codificar integralmente toda realidade nas páginas dos diários. Nesse sentido, da mesma forma que o indivíduo sente dificuldades em apresentar sua realidade como um todo, a obra também se desenvolve com essa dificuldade de totalidade.

Diante disso, a obra de Carolina de Jesus rompe com o paradigma de que a literatura é mediada apenas por personagens e narradores, visto que em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina de Jesus assume três posições dentro da narrativa, conforme lembra Gonçalves em seu artigo:

É possível observar um processo de fragmentação na própria construção do EU no texto de Carolina, dividida em três categorias: escritora, narradora e

personagem principal, todas chamadas Carolina Maria de Jesus. Isto é, Carolina escritora é uma pessoa real, que viveu na favela de Canindé, cidade de São Paulo, e base para a credibilidade da narradora e personagem. (GONÇALVES, 2014, s/p)

Esse EU constituído por intermédio da palavra é repleto de discursos pré-estabelecidos, que não revelam fielmente a realidade, mas surge como uma representação simbólica que desponta da existência real e do imaginário da escritora/narradora/personagem. Essa unidade de associação do real com a o irreal estabelece um vínculo entre o passado e o presente, intrínsecos das experiências de vida de Carolina de Jesus. Dito isso, a moradora da favela é realidade e ficção materializadas em uma única mulher – a escritora, que viveu na periferia de São Paulo, e é tangível, e a narradora-personagem são criações artísticas, mas são também, ao mesmo tempo, todas as Carolinas de Jesus.

Como narradora Carolina de Jesus passa credibilidade a Carolina de Jesus personagem, mesmo quando ela se distrai e se deixa revelar como a escritora, moradora da favela, cujo sonho era sair daquele lugar e mudar de vida, ou minimamente morar em uma casa digna, como podemos constatar no trecho abaixo quando a narradora externa o desejo de ter uma casa de alvenaria no centro da cidade, longe da favela fétida, suja e desumana:

Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice... Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê (JESUS, 1960, P.35)

Carolina de Jesus faz parte da sociedade que desconhece a inclusão na prática, embora saiba seu significado e que isso é um direito humano. Trata-se de uma figura que não se conforma com a situação precária em que se encontra e, como forma de lutar para safar-se de tal situação, passa a fazer uso da palavra, ainda que conte apenas com dois anos de educação primária. Não se identifica com os habitantes da favela e se vê na obrigação, como ser humano, de fazer justiça por onde passar. Se revolta pelo fato dessa justiça não ser exercida legalmente, principalmente pelas pessoas que possuem mais dinheiro ou que usufruem do dinheiro público a fim de fazer uma bela campanha política, sem nada dar em troca após ganhar os votos dos pobres. A própria autora no contexto da sua obra enaltece



essa questão de que os políticos em época de campanha valorizam os desprovidos e se misturam a eles, mas após essa fase, esquecem-se dos indigentes que voltam a serem os despejados inúteis nos barracões das favelas.

Carolina de Jesus reconhece que sua escrita incomoda, mas sua preocupação é com a situação da fome e da miséria, o que ela quer mesmo é chamar atenção para os problemas sociais e a inércia do poder público: “[...] O que eu aviso aos pretendentes a política, é que o povo não tolera a fome. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la [...]” (JESUS, 1960, p. 26). A fome é um dos principais temas abordados pela autora na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Ela e seus filhos sofrem com a falta de comida diariamente e a autora até descreve a “cor da fome” quando diz que a fome tem cor “amarela”, acrescentando que “a tontura da fome é pior do que a do álcool. A tontura do álcool nos impede de cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ser só ar dentro do estomago.” (JESUS, 1960, p.39).

De acordo com o que afirma Andrade, (2010, p. 246), “[...] Carolina parece se sentir diferente e incompreendida em toda parte [...]” Como indivíduo capaz de refletir sobre a sua condição, Carolina de Jesus não consegue se ver como favelada, igual aos seus vizinhos de barracão. Todavia, a catadora de papel, reside no mesmo lugar dos demais favelados por isso não pode negar sua realidade. Nesse sentido, a negação de Carolina de Jesus à condição de favelada pode ser uma crítica às pessoas que não se aceitam como são em função da discriminação e exclusão social porque passam os moradores de favelas, negros e pobres, catalogados e rotulados, muitas vezes, com os termos mais pejorativos como marginais e bandidos.

Como resultado de uma sociedade excludente, e inconformada com isso, Carolina de Jesus traduz para seus diários o desabafo e o protesto contra as condições de vida na favela, sua indignação é, precisamente, não concordar com a condição ser uma favelada, visto que ela persevera com o sonho de sair da comunidade por não se sentir parte dela. Sobre essa questão, Cordeiro, (2006, p. 314), lembra que “para a autora viver na favela é uma situação temporária, pois ela não é favelada, só está favelada, o que lhe permite olhar criticamente para a situação”, e isso é algo natural para quem não se sente confortável diante de uma realidade laboriosa, difícil e injusta.

A consciência crítica da realidade a diferencia dos demais moradores da comunidade de Canindé, por isso se apropria da arte de escrever, a seu modo, para inscrever o cotidiano de quem, a duras penas, trabalha nas ruas catando papel para sustentar a família e não pode contar com nenhum tipo de assistência de saúde, infraestrutura, educação e moradia digna por parte dos governantes, por isso “ela reflete sobre a situação à qual está exposta e escreve para denunciar; é, assim, diferente dos demais habitantes da favela que, segundo suas descrições, parecem estar corrompidos pelo ambiente em que se encontram.” (GONÇALVES, 2014, s/p.).

Carolina de Jesus, representada pela narradora-personagem, trata seus vizinhos da favela como pessoas íferas, considera-se diferente porque tem ambição e não concorda com aquela situação de vida, além disso, estima-se pelo fato de ser visivelmente mais racional dos que seus pares, apesar de se encontrar na mesma condição de pobreza e miséria. Carolina de Jesus, narradorapersonagem, por vezes, parece contraditória, mas isso deve ter um sentido dentro da narrativa, possivelmente, o de chamar a atenção para os preconceitos de cor, raça e posição social.

Em razão disso, Carolina de Jesus enaltece sua cor e se orgulha de ser negra, mas nega o outro como negro: “[...] Não quer ter relações amorosas com negros, por considera-los vítimas de um contexto histórico cruel e atribui à cor preta as várias mazelas sociais [...]” (GONÇALVES, 2014, s/p) O que Carolina de Jesus nega não é a sua cor, mas a sua condição de vida na favela, posto que ela se identifica com sua cor e com a feição do cabelo, conforme demonstra no fragmento abaixo: “Eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo do negro mais iducado do que o cabelo de branco. [...]. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1960, p.58)

Desse modo, ela não nega sua cor, pelo contrário, a exalta dizendo que se subsiste outra vida depois da morte quer ser exatamente como é – negra e de cabelos obedientes, diferentes dos cabelos dos brancos que saem do lugar. Suas queixas são de outra natureza, ela reclama da precariedade que é viver em uma favela abandonada, amontoada em quartos de despejos, reclama à falta de um pai para seus filhos, embora considera-se pai e mãe com orgulho.

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é possível refletir sobre diversos temas ligados a nossa realidade, desde a pobreza extrema de quem vivem

à margem de uma sociedade desigual a outras proposições como raça, identidade, abandono, preconceito, racismo, sonhos e lutas pelo direito de igualdade social. Nesse sentido, a personagem/narradora descortina os diferentes para criticar e denunciar a realidade dos pobres, negros e de mulheres marginalizados socialmente.

Todavia, a realidade pontuada no romance de Carolina de Jesus não se dá no plano da aspereza, da lamúria, propriamente dita, porque a linguagem com que a narradora imputa os sabores da vida é simples, leve e cheia de poeticidade. Desta feita, Carolina de Jesus e a narradora-personagem se confundem dentro de um contexto de vida real e quimera, ou seja, realidade e sonhos, e escrever para a autora é isso – combinar fantasia com a realidade, é se fazer escritora mesmo quando ninguém a conhecia como tal, pois era assim que ela se definia:

Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 1960, p.52)

Carolina de Jesus escreve de forma singular e poética, a fantasia é para ela uma espécie de fuga da realidade, esta que não permite à moradora da favela de Canindé e autora/narradora/personagem viver na quimera por muito tempo, pois a vida real se manifesta cotidianamente para ela. A catadora de papel, por vezes, manifestava uma certa revolta com a inércia das pessoas que viviam na favela e revelava não confiar em ninguém, e que a sua literatura incomodava a muita gente, conforme podemos constatar quando declarou, em uma de suas entrevistas, após o lançamento da obra e sua repercussão no meio literário: “Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser.” (JESUS, 1960)

Carolina de Jesus tinha consciência que seu jeito de escrever sobre a miséria de quem mora em uma comunidade visivelmente miserável lhe renderia a indiferença até das próprias pessoas da favela, e externa isso de forma clara quando disse: “[...] Eu percebo que se esse Diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas [...]. ” (JESUS, 1960, p. 69).

A obra de Carolina de Jesus é resultado de uma conjunção de diversos fatores, uma compilação de fatos habituais da vida em uma favela registrada à luz da sensibilidade e sabedoria de quem mal sabia escrever para se fazer entendida, pois sua escrita também era precária, assim como a sua vida na favela. A partir dessa compreensão, inferimos mais uma vez que *Quarto de despejo: diário de uma favelada* é um livro autobiográfico, resultado da força de uma mulher que se colocar a frente do seu tempo, rompe paradigmas e adentra em um território negado à literatura de autoria feminina na época.

Carolina de Jesus personagem não se diferencia muito da Carolina de Jesus narradora, visto que ambas estão conectadas. Enquanto personagem, ela se vale mais das memórias e do imaginário para reiterar seus pontos de vista e abster o leitor de uma realidade camuflada, pacífica. A autora situa a favela como a protagonista de seu diário e retrata todo seu “drama” em um espaço precário e desumano, por isso se revolta contra todo tipo de injustiça e reclama os seus direitos, e mesmo quando parece não ser ouvida o que lhe resta é sonhar para aliviar a dor de quem só conheceu e conviveu com as mais amargas dificuldades. Diante de tantos dissabores, Carolina de Jesus dizia não ter paciência e começava a perder o encanto pela vida: "Havia pessoas que nos visitava e dizia: credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. [...] Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a me revoltar. E a minha revolta é justa." (JESUS, 1960, p. 30).

A autora deixa aflorar sua fantasia poética quando cita em seu livro autobiográfico *Quarto de despejo: diário de uma favelada*: “[...] A noite está tepida. O céu está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido [...]” (JESUS, 1960, p. 28). A poesia se contrapõe a sua condição no mundo, de pobreza e sofrimento, rompida em vários momentos pela poética da escritora, mesmo quando denuncia nas páginas de seus diários o dia a dia na favela. Contudo, escrever era a sua maior satisfação, conforme revela em sua obra autobiográfica Carolina de Jesus alude: "Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo." (JESUS, 1960, p. 19).

Carolina de Jesus ainda assegura: "não há coisa pior na vida do que a própria vida" (JESUS, 1960, p. 145). Essa dedicação ao ato de escrever é a forma pela qual

a escritora busca realizar seus sonhos, transformar a sua vida. Quando por exemplo, um dos namorados da favela, o "Senhor Manuel", a pede em casamento, ela o rejeita para continuar sua escritura do mundo, e ressalta que: “Um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal”, (JESUS, 1960, p. 44), por isso abre mão da proposta de casamento alegando que não seria aceita como escritora, uma clara denúncia ao modelo patriarcal e machista em que a mulher não podia ser artista, cabendo-lhe o espaço apenas de ser esposa, mãe e dona de casa. De acordo com Gonçalves:

Na escrita sua revolta ganha dramaticidade, condensando-se em narrativas sobre os políticos, transbordando sua vida, inundando a cidade e a sociedade como cortes à faca, assassinatos, atos viscerais que expressam sua dor ao mesmo tempo em que na doçura dos seus sonhos, dos seus pensamentos, expostos na obra como poesia, Carolina acalenta o coração agitado do leitor, diante de uma leitura tão intensa. (GONÇALVES, 2014, s/p)

Carolina autora/narradora/personagem tinha plena consciência do significado de sua escrita, ela exteriorizava o que via, por isso escrevia, não pensando em retórica, em posição e prêmios literário, muito menos para se exibir como escritora, mas levar aos leitores o conhecimento da realidade de quem morou e experienciou diferentes dificuldades na favela de Canindé na grande São Paulo. Carolina de Jesus é, pois, a materialização de muitas histórias de mulheres pobres, negras e autônomas que desejam ser reconhecidas e valorizadas, sejam como mãe, mulher, esposa, escritora, é a busca da liberdade, de direitos de igualdade e respeito à dignidade humana.

### 3.1 Da realidade à ficção

O sentido da literatura não se resume apenas a sua forma, mas também, e, sobretudo àquilo que ela colhe dos estratos sociais para fundir realidade com ficção. Essa junção é necessária para a compreensão do texto literário, mesmo quando o social não é a matéria de uma obra literária, pelo menos como causa, mas como significado na estrutura do texto. Nesse sentido, Candido assegura que “quando estamos no terreno da crítica literária somos levados a analisar a intimidade das

obras, o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar.” (CANDIDO, 2010, p.14).

Os costumes dos personagens, as ideias, os traços culturais e grupais constituem os fatores internos de obra, e são essenciais à criação estética do texto literário. Os fatores internos precisam estar vinculados aos fatores externos, que vão além da estética, é o abstrato construído pelo autor para dar sentido interpretativo à obra. Esses fatores externos nem sempre são considerados por alguns críticos literários, pois, muitas vezes, analisam mais a forma, a estética do texto. Em função disso, Candido afirma que é preciso de “[...] uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica. ” (CANDIDO, 2010, p.14).

Para o crítico, é necessário que haja uma avaliação que vá além daquilo que interessa aos críticos literários, que se preocupam em observar quais fatores atuam na organização interna de uma obra, de maneira a dar sentido a sua estrutura, sem avaliar a sua parte externa como, por exemplo, os enquadramentos sociais que atuam na constituição da tessitura do texto. Todavia, cabe ressaltar, que os fatores psíquicos, sociais de uma obra precisam ser considerados, não como parte antagônica aos elementos internos, mas como partes que se complementam, pois segundo Candido:

O *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicólogos, religiosos, linguísticos e outros. Nesse nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma para o crítico, em fermento orgânico que resultou a diversidade coesa do todo. (CANDIDO, 2010, p.17)

De acordo com as ideias expostas por Candido, o ângulo sociológico adquire uma valorização bem mais positiva do que já tinha. Não se pode mais impor um critério único, pois a importância de cada fator deve ser analisada detalhadamente, sem dar preferência a nenhum aspecto como principal. Uma crítica que foge dessas ideias deixará de ser sociológica, psicológica, ou linguística, servindo apenas para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente e não a uma crítica moderna, ligada à sociologia, que explica suas conclusões através de fatores sociais e não estéticos.

É importante destacar que o crítico literário Antonio Candido, também alerta para o cuidado com os exageros de querer explicar tudo pelo viés sociológico, pois embora seja necessário lançar esse olhar para o social, é importante evitar o sociologismo exacerbado. Todavia, o social não pode ser desvinculado dos aspectos formais, que dão à obra uma estrutura organizada esteticamente, uma vez que a obra literária se configura nesse entrelaçamento de fatores internos e externos.

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina de Jesus, descontra a estética vigente da época de sua produção, cuja narrativa apresenta uma visão da realidade da favela de Canindé e ao mesmo tempo uma concepção futurista dos tempos modernos em que pouca coisa mudou em relação aos pobres, negros e favelados do Brasil. O referido romance se inscreve sob o ponto de vista dos aspectos psicológicos e sociológico. Dito isso, é possível perceber que o diário de Carolina de Jesus se encaixa nas tendências da estética moderna, estudada não apenas sob a ótica dos fatores internos, mas também sob a égide dos fatores externos que compõem a obra literária.

Carolina de Jesus delinea vários fatores sociais da sua época, apesar de ter vivido uma época (1960), diferente do atual, a chamada contemporaneidade, a autora já tinha uma percepção dos impactos sociais acontecimentos atemporais, e atribuía as desordens da sociedade aos poderosos, principalmente aos políticos que viravam as costas para os problemas que afetavam cada vez mais as desigualdades e a exclusão social, por isso dizia que “a democracia está perdendo os seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os politicos fraquissimos. E tudo que está fraco, morre um dia.” (JESUS, 1960, p.35).

A diferença é que anteriormente esse processo de exclusão era camuflado porque viviam em um momento político opressor de cerceamento de direito e liberdade de expressão, a democracia como diz a autora era frágil e os políticos eram fracos não no que se refere à força física, mas no que diz respeito à sensibilidade de olhar e resolver os problemas dos menos favorecidos, dos moradores dos quartos de despejos das comunidades mais precárias do país, que pudessem oferecer as mínimas condições para uma vida mais digna com saúde, trabalho, educação e moradia.

Carolina de Jesus tece uma crítica aguda a política de moradia nas periferias dos grandes centros urbanos, e deixa o leitor a par da rotina da favela onde ela residia com a família, uma realidade de exclusão, miséria e violência, e se refere, muitas vezes, as mulheres envolvidas com o crime organizado, deixando claro que os homens eram tranquilos e sensatos: enquanto “[...] Na favela os homens são mais delicados. As bagunceiras são as mulheres [...]” (JESUS, 1960, p. 18). Desse modo, ela chama atenção para o fato de que as mudanças e conquistas femininas se expandiram para além do trabalho formal, elas também passaram a ocupar os espaços das organizações criminosas das grandes cidades como São Paulo. E hoje essa realidade independe da cor e da classe social a que perecem homens e mulheres, pois o campo da criminalidade não escolhe raça nem sexo, e isso se deve, segundo Young, ao fato de que:

Duas crises se estenderam ao longo dos últimos vinte anos: a crise da etiologia e a crise da penalidade. A hipótese quase tácita da metanarrativa do progresso era o declínio da criminalidade e da incivilidade. Contudo, os mais altos padrões de vida alcançados na história da nossa espécie se fazem acompanhar por um aumento constante das taxas de criminalidade, o crime ocorrendo precisamente onde não devia ocorrer, além de ser mais frequente em todos os seus *habitats* tradicionais. (YOUNG, 2002, p. 56)

A primeira crise foi o fim da tentativa de se construir uma sociedade democrata, pois o fato de lidar com as causas da criminalidade tornou-se um fator não social, mas da necessidade de uma maior disciplina familiar que não se consolidou, visto que a família falha na educação dos filhos e perde o controle da situação. A segunda crise é a do sistema prisional brasileiro, uma realidade histórica de superlotação das cadeias públicas, presídios e centros de recuperação de menores, a corrupção da polícia, a impunidade, dentre outros fatores que corroboram a cada vez mais com a criminalidade.

Sob uma perspectiva mais racional, é possível ver entre homens e mulheres pobres uma cumplicidade de estratégias, de resistência e de deslocamento no espaço social, características muito recorrentes na literatura contemporânea em que os espaços são demarcados pela divisão de classe social, raça e gênero. *Em Quarto de despejo: diário de uma favelada* há uma divisão de classes por estereótipos e isso faz com que a obra seja vista a partir de um estudo sociológico moderno porque trata, especialmente, das relações humanas ligadas à vida de escritora amadora que transformou as como causa e consequência da vida na



favela em arte, sem se preocupar com modelos e padrões preestabelecidos pelo cânone, uma vez que:

A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é, de fato, conformidade automática aos padrões. Embora essa verificação fira a nossa vaidade, o certo é que muitos poucos dentre nós seríamos capazes de manifestar um juízo livre de injunções diretas do meio em que vivemos (CANDIDO, 2010, p.46)

Mesmo quando pensamos por nós mesmos, a tendência é pensar em como o outro pensaria no nosso lugar. Pertencemos a uma massa cujas reações ocorrem em função do meio no qual estamos inseridos, no caso o público, por isso interiorizamos e exteriorizamos as normas sociais e essas manifestações são compreendidas pelo público, mesmo quando elas são negativas. Portanto, entre a obra, o autor e o público há uma conexão, uma simbologia de comunicação que os conectam. O público dá sentido à obra quando a insere em sua realidade e ligam o autor a sua própria obra, enquanto isso a obra vincula o autor ao público, estabelecendo um contato indispensável entre ambos. Por fim, o autor é o intermediário entre a obra que ele criou e o público, ele desencadeia a conexão obra-autor-público, e é isso que faz a Carolina de Jesus em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, a autora/narradora/personagem reúne em um diário os aspectos sociais que marcaram sua vida na favela e no mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus nos possibilitou uma reflexão sobre diferentes questões que envolvem a literatura de autoria feminina, o contexto histórico e social dos anos 50 e 60, e mais precisamente o caráter biográfico do referido romance. Para legitimar a compreensão de que a obra literária não se constrói apenas sob a égide da formalidade estética, a nossa análise orienta-se nas teorias filosóficas, psicológicas e, sobretudo, na teoria sociológica com as quais foi possível perceber as diferentes correntes de pensamentos que permeiam a narrativa de Carolina de Jesus.

A história sentida, vivida, anotada e contada por uma mulher muito além de seu tempo, que transcendeu os limites da pobreza, da condição de mãe solteira, catadora de papel, sem formação acadêmica, negra e moradora da favela, ganha força porque a singularidade de sua escrita, a simplicidade com que descreve o cotidiano da favela de Canindé a coloca em uma posição de autora e, ao mesmo tempo, personagem real e fictícia da sua própria trajetória de vida na favela e no mundo.

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* de Carolina de Jesus é, por assim dizer, o resultado da soma de diversos fatores da psique humana e do realismo, isto é, dos estratos sociais dispostos no referido romance, pois nele se confabulam realidade e ficção, internos e externos, elementos que perpassam modelos e regras canônicas, mas que se inserem no gênero romanesco. É nessa ótica que a obra tem sua importância para os estudos literários e para a sociedade, uma vez que não se pode pensar a literatura dissociada da vida, e pensar que a vida foi para Carolina de Jesus provocar uma inquietação nas pessoas.

A resistência da moradora de rua, da mulher e escritora se materializa pela necessidade de criticar e denunciar os desmandos dos políticos, o abandono das pessoas menos favorecidas que vivem às margens de uma sociedade que desconsidera o direito de igualdade social. A força da literatura de Carolina de Jesus reside na singularidade com que escreve sobre si mesma e sobre o outro, com uma linguagem simples, mas dilacerante e, por vezes, poética, que foge dos padrões estabelecidos pelo academismo.

Nesse sentido, escrever é um ato de coragem e luta contra a desigualdade social, um grito dos excluídos, e também, um protesto contra a ditadura editorial, o preconceito e a discriminação das mulheres, dos pobres, negros e favelados. Outrossim, a inquietação de Carolina de Jesus é a prova fugaz de que a mulher precisa sair da inércia e ocupar seus espaços na literatura, seja como autora ou protagonista.

Esperamos, portanto, que este trabalho possa colaborar com as discussões em torno da literatura de autoria feminina, principalmente sobre a obra de Carolina de Jesus, uma mulher simples, mas de uma sensibilidade singular. O realismo em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, apesar dos relatos de histórias tristes e miseráveis, é pontuado na maioria das vezes por uma poeticidade que chega a ampliar a nossa sensibilidade sobre o drama da vida na favela de Canindé, e isso chamou a nossa atenção, e por isso imaginamos ser de fundamental importância expandir os estudos sobre a obra de Carolina de Jesus.

## REFERÊNCIAS

ABELAIRA, Augusto (1970 [ 1968]). **Bolor**. 2. ed. Amadora: Bertrand. Agência Brasil. **Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/carolina-maria-de-jesus.htm>. Acesso em: 11/06/2018 às 9:05h.

ANDRADE, L. P. de. **Uma noção de poeta**. In: **Revista Rascunhos Culturais**. Nº. 01, jan./jun. de 2010. Disponível em: <http://www.cpcx.ufms.br/sites/rascunhos/files/2010/07/Primeiraedi%C3%A7%C3%A3o-Artigo-08.pdf> . Acesso em: 15 set. 2018.

BONNICI, Thomas, OSANA, Lúcia. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, 3. Ed. Ver. E ampl. – Maringá: Eduem, 2009.

CANDIDO, Antonio (1997). **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia.

CANDIDO, Antonio, 1918. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11. Ed. Revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CAREY, Jonh (1993 [1991]). **Os intelectuais e as massas**. Trad. Ronald Kyrmse. São Paulo: Ars. Poetica.

CORDEIRO, C. de F. **A favela segundo Carolina**. In: **Revista Baleia na Rede**. Nº 3, dezembro de 2006. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/R>. Acesso em: 24 set. 2018.

CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. **Golpe Militar de 1964**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/golpe-militar-de-1964>. Acessado em 02/11/2018 as 09:58h.

COSTA, Ana Karoliny Teixeira da; PEREIRA, Rogério Silva. **Vozes marginalizadas: estudo da narrativa literária em quarto de despejo (1960)**. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/arredia/article/viewFile/1660/1124>. Acesso em: 21/11/2018 as 15:55hs.

DALCASTAGNÈ, Regina (2002). **Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea**. Brasília.

DALCASTAGNÈ, Regina e LUIS, Anderson Nunes da Mata (organizadores). **Fora do retrato: estudos da literatura brasileira contemporânea** – Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado**. – Vinhedo, Editora Horizonte, 2012.

EAGLETON, Terry (1997). **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes

EVARISTO, C. **Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira**. In\_\_\_ Revista Palmares. Nº. 01, agosto/2005. Disponível em: [http://afrolatinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD\\_CHAVE=957](http://afrolatinos.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=957). Acesso em 16/08/2018 às 16:34h

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 1960, reeditado em 1993.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. Disponível em: <https://historiaafrosuzano.files.wordpress.com/2016/10/1960-quarto-de-despejo1.pdf>. Acesso em 10/06/2018 às 18:33h

JESUS, Carolina Maria. **Quarto De Despejo**. <http://resumos.netsaber.com.br/resumo-3797/quarto-de-despejo> acessado em 11/06/2018 às 10:55h.

LINS, Osman (1973). **Avassaladora**. São Paulo: Melhoramentos.

LOBO, L. **A dimensão histórica do feminismo atual**. In: RAMALHO, C. (Org.) **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas**. Rio de Janeiro: Elo.1999b, p. 41-50.

NAXARA, Márcia Regina (1998). **Estrangeiro em sua própria terra**. São Paulo: Annablume/FAPESP.

ORTEGA Y GASSET, José (1987 [1930]). **A rebelião das massas**. Trad. Marylene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes.

PERROT, M. **Os excluídos da História**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Paz e Terra, 2001

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>. Acesso em: 03/07/2018 às 11:00h.

PORTO, Luana Teixeira (2012). **Marginalidade e exclusão social: uma leitura do conto “Lixo e purpurina”**. *Literatura em debate*, Frederico Westphalen, v. 6, n. 10, p. 140-141

ROSENBERG, Harold (2004). **Objeto ansioso**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Cosac e Nayf.

SANTOS, Maricélia Nunes dos; SOUZA, Wagner de. **Quarto de despejo – manifestação do discurso feminino na literatura brasileira**. Disponível em:

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/4750/4311>. Acesso em: 12/06/208 às 18:45h.

SHARPE, J. **A História vista de baixo**. In \_\_\_ BURKE, P. (org). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

TIRLONI, Larissa Paula; MARINHO, Marcelo. **Carolina Maria de Jesus e a autorrepresentação literária da exclusão social na América Latina: olhares reversos aos de Eduardo Galeano e Octavio Paz**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n44/a12n44.pdf>. Acesso em: 19/06/2018 às 10:40h.

VIANA, L. H. **Por uma tradição do feminino na literatura brasileira**. In: SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA, 5, 1993, Natal. *Anais...* Natal: UFRN, Universitária, 1995, p. 168-174

YOUNG, Jock, **1949 A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente**. Jock/ Young; tradução Renato Aguiar – Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002.